

A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS E DAS EMERGÊNCIAS EM SALA DE AULA

SOCIOLOGY OF ABSENCES AND SOCIOLOGY OF EMERGENCIES IN THE CLASSROOM

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. Vol. 1. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. Vol. 4. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Ana Laudelina Ferreira Gomes¹

A consagração da ciência moderna ocidental naturalizou-a, ou seja, construiu uma concepção de que ela é o conhecimento naturalmente mais verdadeiro, como se esta concepção não fosse também histórica e construída sócio-culturalmente no tempo e no espaço. O pretensão universalismo da racionalidade dessa ciência é falso justamente porque se presta a transformar experiências dominantes/hegemônicas em experiências universais – verdades objetivas válidas para todos (BOAVENTURA SANTOS, 2008). Estes saberes tidos como globais levaram à destruição e ao silenciamento de povos e culturas submetidos à sua razão etnocêntrica/eurocêntrica.

A luta pela visibilização de formas de conhecer e compreender o mundo que

são invisibilizadas pela racionalidade da ciência moderna faz parte de uma estratégia de globalização contra-hegemônica. Nessa esteira, a racionalização operada pelo conhecimento científico se coloca como uma forma de colonialidade para a qual precisamos pensar alternativas teóricas, epistemológicas e práticas.

Um dos modos de tratar do problema vem da Sociologia das Ausências e das Emergências proposta por Boaventura Santos (2008), onde o sociólogo discute a produção social da não existência e alternativas contra-hegemônicas. Por um lado, discute formas, estratégias, práticas e dispositivos de invisibilização social através de sua Sociologia das Ausências. Por outro lado, discute práticas sociais alternativas e epistemologias que visem a

¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

emancipação social, utilizando categorias de sua Sociologia das Emergências.

Boaventura Santos (2008) nos alerta que assumir a diversidade epistemológica do mundo implica em renunciar a uma epistemologia geral e buscar uma mudança paradigmática. O novo paradigma (cosmopolitismo) estaria compromissado com a revalorização de conhecimentos e práticas não hegemônicas que ficaram invisibilizadas no processo de colonização do pensamento e do conhecimento no seio do paradigma dominante e da sociedade técnico-científica da modernidade ocidental. No novo paradigma seria o diálogo entre os conhecimentos plurais o método para validação do conhecimento, não se configurando somente como um paradigma científico, mas também como um paradigma social. Nele o colonialismo seria a ignorância da reciprocidade e incapacidade de conceber o outro senão como objeto e para o qual uma das alternativas seria o processo de tradução intercultural balizado, entre outras ecologias, pela ecologia de saberes (BOAVENTURA SANTOS, 2008).

Problematizar essas ideias do autor em sala de aula e trazer experiências de estudo onde elas puderam ser aplicadas foi o que realizamos e que trazemos para demonstração dos primeiros resultados em seis trabalhos escritos de alunos do curso de ciências sociais da UFRN. Uma experiência que temos realizado através de atividades em sala de aula onde lecionamos no Brasil. Trazemos aqui algumas das potenciais aplicações do referencial teórico das sociologias das ausências e sociologia das emergências que foram construídas pelos estudantes

em seus trabalhos acadêmicos de alunos de graduação. Essa é, acreditamos a forma mais efetiva de se ter uma visão geral das obras do autor aqui apresentadas.

Inicialmente, cabe-nos apresentar sucintamente as principais ideias que norteiam a sociologia das ausências e a sociologia das emergências de Boaventura Souza Santos, a partir das quais os estudantes partem em suas investidas iniciais de pesquisa.

Boaventura Santos (2008) faz uma crítica ao modelo de racionalidade (razão indolente) e propõe outro modelo (razão cosmopolita), cujos fundamentos estariam em suas “sociologia das ausências” e “sociologia das emergências”, e no trabalho de tradução intercultural.

O pressuposto base sobre a razão indolente é que ela

Manifesta-se, entre outras formas, no modo como resiste à mudança das rotinas, e como transforma interesses hegemônicos em conhecimentos verdadeiros. [...] é necessário começar por mudar a razão que preside tanto aos conhecimentos como à estruturação deles (p. 97)

A sociologia das ausências tem por objetivo “transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças” (SANTOS, 2008, p. 102). Consiste em demonstrar a produção da não existência, ou seja, demonstrar que o que não existe na verdade é produzido como não existente, como explica Boaventura Santos (2008): há produção da não existência toda vez que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível,

ininteligível ou descartável de um modo irreversível. (p. 102).

Haveria cinco modos ou lógicas de produção da não existência sendo que “A produção social destas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente, e, portanto, no desperdício da experiência” (BOAVENTURA SANTOS, 2008, p. 104)

A sociologia das ausências visa identificar essas experiências produzidas como ausentes e torná-las presentes e alternativas (inclusive epistemológicas) às experiências hegemônicas. Uma das formas de operar a sociologia das ausências é substituir as lógicas de produção da não existência (ou monoculturas) por ecologias. A Ecologia dos saberes é uma delas, da qual trataremos mais a frente.

Uma das faces da razão indolente é a razão proléptica, fundada na monoculturado tempo linear, com ela o futuro não tem que ser pensado. A luta contra este tipo de razão implica em se contrair o futuro para torná-lo escasso e objeto de cuidado, resultando na dilatação do presente. Esse seria o modo de agir da sociologia das emergências: “consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear, por um futuro de possibilidades plurais e concretas [...]” centrado na “possibilidade” (BOAVENTURA SANTOS, 2008, p. 116). Essa sociologia propõe-se a investigar alternativas dentro de possibilidades concretas.

Enquanto a sociologia das ausências se dá no domínio das experiências já disponíveis, a sociologia das emergências busca expandir o domínio das experiências sociais possíveis. A multiplicação e **diversificação das experiências**

disponíveis e possíveis resultam em ampla fragmentação do real dificultando e de definir o sentido da transformação social, colocando-se como desafio chegar-se a convergências éticas e políticas. Daí o trabalho de tradução aludido por Boaventura Santos (2008).

O trabalho de tradução intercultural incide sobre saberes, práticas e agentes. Traduzir é identificar preocupações isomórficas entre culturas e explorar suas respectivas respostas. A tradução pode acontecer entre saberes hegemônicos e não hegemônicos, mas também entre saberes não hegemônicos. Seu objetivo é sempre construir possibilidades contra-hegemônicas de saberes. Os responsáveis pela tradução são os intelectuais cosmopolitas, enraizados nas práticas e saberes que representam. A tradução acontece através de trabalho argumentativo nos diferentes mundos, saberes e experiências quando são partilhados. A tradução justifica-se em face da necessidade de justiça cognitiva, nas palavras de Boaventura Santos (2008): “criar as condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática” (p. 135).

A **ecologia de saberes** é uma das formas de operar a sociologia das ausências, no sentido de substituir a lógica monocultural de produção da não existência. Seu ponto de partida é o epistemicídio, processo histórico pelo qual a ciência moderna ocidental marginalizou ou descredibilizou todos os conhecimentos tidos como não científicos convertendo-se em conhecimento uno, universal e única fonte de progresso. As ecologias que vem para substituir as lógicas monoculturais de produção da não existência são

constelações de saberes. A Ecologia de saberes faz coexistir saberes não científicos que sobreviveram ao epistemicídio ou que emergiram das lutas sociais contra a desigualdade e a discriminação. Assenta-se na ideia de que todo conhecimento é interconhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. Pressupõe que a injustiça social está fundada na injustiça cognitiva. Ou seja, já que o conhecimento científico não está distribuído equitativamente, as intervenções no real que ele privilegia tende a ser aquelas fornecidas por grupos sociais que detém acesso a ele. Sendo assim, para se ter justiça social é preciso alcançar a justiça cognitiva, o que pode acontecer valorizando práticas científicas alternativas e a *interdependência entre saberes científicos e não científicos* (BOAVENTURA SANTOS, 2008).

A luta pela visibilização de formas de conhecer e compreender o mundo que foram invisibilizadas pela racionalidade da ciência moderna e pela colonialidade do saber que ela ajudou a sustentar é uma necessidade premente e tem implicações também para a educação. É o que Inês B. de Oliveira (2008) salienta ao discutir a necessidade da educação considerar em suas concepções e práticas a identificação e valorização de “outros modos de pensar e de estar no mundo para além dessa razão [dominante]” que se entende como universal (p. 70). O que passaria por entender como estas formas não hegemônicas tem sido negligenciadas.

Entendemos que a racionalização estreita e redutora operada pelas formas de conhecimento dominantes expressam colonialismo e refletir sobre o assunto já faz parte de uma estratégia

contra-hegemônica. Justifica-se, pois, discutir formas, estratégias, práticas e dispositivos de invisibilização social através da Sociologia das Ausências. E, em contrapartida, discutir práticas sociais alternativas e epistemologias alternativas que visem a reinvenção social, com base na Sociologia das Emergências. Abaixo fazemos referências a elementos destacados de seis trabalhos de estudantes de nossa disciplina no curso de ciências sociais nos quais buscaram refletir sobre estas sociologias e aplicar a situações concretas do cotidiano ou de expressões do imaginário, como cinema e literatura.

INVISIBILIDADE NOS HOSPITAIS PSQUIÁTRICOS

As estudantes autoras (SILVA, VOTORIANO & SANTIAGO, 2014) questionam a validade do saber/poder médico (psiquiátrico) sobre a loucura e as formas de tratamento arbitrárias que daí advém, exemplificando com um caso de invisibilidade social na cidade de Barbacena – Minas Gerais – Brasil em um hospício que ficou conhecido como Colônia (1903-1980) onde os pacientes eram submetidos a condições desumanas. Entre estas o fato de que 70% dos pacientes que lá viviam não sofriam de fato de doença mental mas ali se encontravam por serem considerados indesejados socialmente em vista de alcoolismo, pobreza, discriminação racial, homossexualidade, prostituição, adolescentes grávidas rejeitadas pela família etc... A sociologia das ausências foi usada neste estudo para caracterizar a produção da não existência

desses indesejados socialmente respaldados pela hegemonia da ciência através do poder médico/psiquiátrico.

AS PRAÇAS PÚBLICAS COMO ESPAÇOS DE AUSÊNCIAS NO MEIO URBANO E O PROJETO ECO-PRAÇAS DE NATAL/RN/ BRASIL COMO EMERGÊNCIA

As estudantes autoras (MOURA, WAINBERG, DONATI, 2014, s/d) observam que a maior parte das praças públicas da cidade do Natal encontram-se em situação de abandono não só pelo governo municipal como pela sociedade, o que configuraria a produção de não existências (ausências). Em vista disso, o Projeto Eco-Praça que acontece em várias locais da cidade busca a mobilização social para o problema e oferecer alternativas para a revitalização das praças públicas, com feiras de produtos artesanais, shows musicais e outras atividades culturais. Assim, o projeto é visto pelas autoras como alternativa à ocupação e revitalização das praças públicas natalenses onde ele acontece, transformando ausências em emergências, dizem as autoras: “Felizmente, vemos que as ausências, apesar de continuarem grandes, tem sido gradualmente substituídas por ecologias de saberes, que unem responsabilidade social e ambiental com lazer e promoção da cultura” (MOURA, WAINBERG & DONATI, 2014, s/d).

AS MULHERES BENEFICIÁRIAS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (PBF) ATRAVÉS DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO “SEVERINAS: AS NOVAS MULHERES DO SERTÃO”

O estudante autor (SILVAb, 2014, s/d) usa como operador do pensamento este vídeo documentário que trata da realidade de mulheres sertanejas na cidade de Guaribas, interior do Estado do Piauí, Brasil, num contexto social de pobreza e resignação. A política pública federal do PBF foca na transferência de renda do governo para a população mais pobre e o documentário narra como a realidade vai sendo transformada. O autor relata que a região considerada tinha em 2003 o segundo pior IDH do país, e, após dez anos de implantação do primeiro programa de transferência de renda (o Fome Zero), a miséria foi erradicada no local. A diretora do documentário ouviu relatos das famílias beneficiárias dando visibilidade a uma realidade produzida como não existente (ausente). Frente ao que Boaventura Santos fala, sobre a necessidade do processo de globalização ser pensado de forma alternativa, o estudante autor observa que “pensar possibilidades de mudanças sociais e políticas também a partir da ótica dos que foram invisibilizados e que atualmente tem mais possibilidade de emergência, é o caso das mulheres de Guaribas” (SILVAb, 2014, s/p).

O PROBLEMA DA CULTURA-LÍNGUA NA PRODUÇÃO DAS HEGEMONIAS E INVISIBILIDADES NA CRÔNICA DE MIA COUTO

Os estudantes autores (FAGNO, MELO, FREIRE, 2014, s/d) buscam analisar o processo de invisibilização que sofre a cultura africana pelo poder hegemônico global através de um conto do escritor moçambicano Mia Couto “Línguas que não sabemos que Sabíamos”². Segundo os autores, “o que Mia Couto denuncia é o processo de essencialização e folclorização do povo africano, e que muito daquilo que se proclama como autenticamente africano é produzido fora da África” (FAGNO, MELO & FREIRE, 2014, s/p). Eles entendem que a lógica que produz invisibilidades e, portanto, desperdício da experiência social, apresenta a cultura africana de modo massificado, lógica esta criada por uma cultura hegemônica eurocêntrica que hierarquiza as mais diversas formas de saberes e as dicotomiza tratando como local tudo que não está sob a égide hegemônica.

UMA CRÍTICA À RAZÃO INDOLENTE NO FILME “DENTE CANINO”

A estudante autora (SILVA, 2014c, s/d) toma o filme “Kynodontas” (dente canino, em português) para fazer uma crítica da razão indolente. O filme retrata um casal de pais que criam seus três filhos de forma

reclusa e sob o autoritarismo do pai. Em face disso, os filhos, apesar de adultos, tem atitudes infantilizadas e reações mecanizadas e repetitivas. Nenhum personagem tem nome, exceto Cristina, contratada pelo pai da família para saciar necessidades sexuais de um de seus filhos, e que é quem acaba sendo um elo da filha mais velha com o mundo exterior o qual não conhece. As práticas desse pai autoritário acabam se configurando como uma metáfora da razão indolente pois produz invisibilidades políticas e culturais, realizando epistemicídios com diversos saberes que não são aceitos como válidos.

No entendimento da autora, o filme “[...] deixa margem para a busca daquilo que Boaventura Santos chamou de ecologia de saberes, que é uma contra-epistemologia, onde diversas alternativas são estimuladas e não podem ser agrupadas em uma única forma global, fazendo com que o pensamento seja sempre pluralista e propositivo. [...]. ‘Dente Canino’ motiva o espectador a pensar em um novo pensamento político que estimula visões do mundo não contempladas pela atenção da ordem vigente, resistências ao que está posto, gerando um movimento contra-hegemônico” (SILVA, 2014, s/p).

² Publicado no livro “E se Obama fosse africano?: e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

O FILME "FAHRENHEIT 451" E SUA RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS E COM A SOCIOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS

Os estudantes autores (SOUZA FILHO; MELO, 2014, s/d) tomam o referido filme como emblema para pensar os conteúdos destas sociologias. Segundo eles, no filme é possível “caracterizar a sociologia das ausências como o ato daquela sociedade repudiar, marginalizar os livros e qualquer prática escrita, ou qualquer prática intelectual” (MELO & SOUZA FILHO, 2014, s/p). Uma das faces da razão indolente é a razão metonímica, que objetiva a ideia de totalidade sob a forma de ordem. Segundo os autores, no filme essa ordem é observada no momento em que se apresenta um futuro onde todos os livros são proibidos e opiniões próprias são consideradas anti-sociais e hedonistas, onde todo pensamento crítico é suprimido.

Entendemos que cada uma dessas experiências de reflexão utilizando a sociologia das ausências e ou a sociologia das emergências em sala de aula (ou a partir dela) mostra um pouco do caráter crítico e combativo dessas teorizações fazendo com que os estudantes saiam de uma postura de conformismo ou derrotismo e se empenhem em explorar formas e estratégias de produção da não existência veiculado no ou com o respaldo

do discurso científico. Do mesmo modo, buscar identificar formas alternativas de luta contra-hegemônica para transformar essas invisibilidades/ausências em sujeitos com voz e vez.

Trata-se de uma abordagem que busca uma prática de conhecimento que atue efetivamente como potencialidade emancipatória para além da mera transmissão de conteúdos sociológicos (ou de outras disciplinas científicas)³. Por decorrência, a construção de subjetividades compromissadas com a emancipação social vai depender de práticas de conhecimento igualmente notáveis neste sentido, dentro e fora de sala de aula. Afinal, os estudantes, como também os professores, incorporam valores e crenças não somente a partir de saberes formais (como os veiculados pelos conteúdos curriculares ministrados) mas através de saberes cotidianos/informais, muitos deles dos corredores, do pátio, da relação professor-aluno, com a escola, a família, a comunidade, as redes sociais etc.

Na universidade, temos nos acostumado a valorizar quase que exclusivamente os saberes formais, especialmente os considerados científicos, através dos autores e teorias científicas estudadas. E assim, secundarizamos saberes cotidianos/informais dos próprios estudantes, do professor, dos grupos de pertencimento e dos saberes do imaginário artístico e cultural que nos são

² Toma aqui o sentido de emancipatório que lhe dá Boaventura Santos (2008). Ele diz que, ao contrário das concepções do pós-moderno que renunciam a projetos coletivos de transformação social e que consideram a emancipação social um “mito sem consistência” (p. 29), sua perspectiva “pós-moderna de oposição” ainda aposta nela acreditando numa pluralidade de projetos coletivos articulados, sem hierarquiza-los, isso sendo possível através de procedimentos de tradução que substituem uma teoria geral da transformação social.

transmitidos sem necessariamente nossa consciência disso. Saberes cujas informações que veiculam integram a enormidade de informação que a universidade deveria aprender a trabalhar, a tratar, a dialogar.

Oliveira (2008) explica que para Boaventura Santos o grau de democraticidade do diálogo entre os conhecimentos plurais interfere decisivamente na validação do conhecimento do novo paradigma, e lembramos que este novo conhecimento não é somente científico mas também social (BOAVENTURA SANTOS, 2002). Assim, pensamos que o ensino universitário não deve se respaldar apenas na dimensão científica do conhecimento, mas fazer o científico dialogar com os demais saberes cotidianos. A amostra de trabalhos dos alunos que trouxemos nessa comunicação demonstram essa preocupação com o diálogo com outras formas de conhecimento, com saberes do “sul global” como na alusão ao conto de Mia Couto tratando de como a África é veiculada para o resto do mundo pelo Ocidente. Também no trabalho que crítica o caráter político do saber/poder médico psiquiátrico no caso do hospício Colônia. Os saberes cotidianos e sobre a vida cotidiana também se revelam presentes no trabalho dos alunos sobre “as praças como espaços de ausências no meio urbano e o Projeto Eco-praças de Natal como emergências”.

Não sendo somente científico, mas social, o novo paradigma caminha no sentido de uma superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais, o que para o autor tem acontecido sobre a égide das ciências sociais, à medida que as ciências naturais se aproximam destas e estas se aproximam das humanidades

revalorizando os estudos humanísticos e a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura. Estes elementos também foram encontrados nos trabalhos dos alunos como a alusão aos filmes “Dente canino” e “ Fahrenheit 451” e ao vídeo documentário “Severinas, as novas mulheres do sertão”, no sentido de produção de um conhecimento mais auto-biográfico na medida em que estreita a distância entre sujeito e objeto até o limite de sua superação, como requer o trabalho com obras do imaginário (GOMES, 2015). Sendo assim, pensamos que as ciências humanas em diálogo com as humanidades podem reclamar para si um certo compromisso de humanizar os saberes científicos no sentido de colocá-los a serviço da contra-hegemonia epistemológica e política, possibilitando visibilidade aos saberes subalternizados em face de interesses do mercado e do poder, e a sociologia das ausências e sociologia das emergências aparece como grande potencial de participar desse luta de modo decisivo, como uma epistemologia prática e social, assumidamente interventiva.

REFERÊNCIAS

MOURA, Ana Livia Lins Procópio de; WAINBERG, Bianca; DONATI, Luisa Galvão. **As praças como espaços de ausências no meio urbano e o Projeto Eco-Praças de Natal como emergência.** Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014.

FAGNO, Danilo; MELO, Gutemberg; FREIRE, Suzanne. **O problema da cultura-língua na produção das hegemonias e invisibilidades na crônica de Mia Couto.** Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Por que buscar articulações científico-humanísticas? In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (org.). **Festins de seda.** Festival Mythos-Logos e outras inventices de inspiração bachelardiana. Natal: EDUFRN, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. Vol. 1. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo.** Para uma nova cultura política. Vol. 4. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Adara Pereira da; VITORIANO, Jussara de Oliveira; SANTIAGO, Manuella Elias. **Invisibilidade nos hospitais psiquiátricos.** O caso de Colônia. Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014.

SILVA, Roberto Rosemberg Freitas da. **As mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família através do documentário “Severinas: as novas mulheres do sertão”.** Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014a.

SILVA, Maria Alice Souza Silva. **Uma crítica à razão indolente no filme “Dente canino”.** Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014b.

SOUZA FILHO, Marcos Luiz; MELO, Amarilis Freitas de.
Relacionando “uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” de Boaventura Santos, com o filme Fahrenheit 451.
Trabalho para a Disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais,
Curso de Ciências Sociais/UFRN, 2014.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura & Educação.** Coleção
Pensadores & Educação. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.